

Um olhar enunciativo sobre o funcionamento do gênero fabular: alternativas para a produção de fábulas em contexto pedagógico

Cássia Regina Coutinho Sossolote

Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Caixa Posta 174 – 14.800-901 – Araraquara – SP – Brasil

Abstract. *The aim of this text consists of divulging the results of research already carried about the discourse sort called fable. If the possibility to consider alternatives for the production of fable texts in pedagogical context constitutes a contribution of the work of research carried through for the attainment of the title of Doctor, called The reception of the allegoric speech of fable, to the understanding of the functioning of the sort to fable as an of enunciate perspective occurred from the reflections undertaken for Lima (1984) about fable and from the Theory of the Enunciate Operations of Antonie Culioli. The texts of 1976, 1984, 1990 of this author, that we had access, it allowed us to rediscuss the way as the history of the critic of fable operates with the concept of allegory as well as understanding the way of construction of the allegoric speech in fable.*

Keywords. *enunciation; reading; production of text; allegory; metalinguistics discourse*

Resumo. *O objetivo desse artigo consiste em divulgar os resultados de pesquisa já realizada sobre o gênero discursivo denominado fábula. Se a possibilidade de propor alternativas para a produção de textos fabulares em contexto pedagógico constitui uma contribuição do trabalho de pesquisa realizado para a obtenção do título de doutor, denominado A recepção do discurso alegórico da fábula, a compreensão do funcionamento do gênero fabular segundo uma perspectiva enunciativa ocorreu a partir das reflexões empreendidas por Lima (1984) sobre a fábula e a partir da Teoria das Operações Enunciativas de Antoine Culioli. Os textos de 1976, 1984, 1990 desse autor, a que tivemos acesso, nos permitiu discutir o modo como a história da crítica da fábula opera com o conceito de alegoria bem como compreender o modo de construção do discurso alegórico na fábula.*

Palavras-chave. *enunciação; leitura; produção de texto; alegoria; discurso metalingüístico.*

I. Introdução

O presente trabalho intitulado *Um olhar enunciativo sobre o funcionamento do gênero fabular: alternativas para a produção de fábulas em contexto pedagógico* tem dois objetivos principais. O primeiro consistirá em apresentar as propriedades comumente atribuídas aos textos denominados *fábula*. Como as propriedades fixadas pela história crítica da fábula nem sempre são convergentes, no sentido de serem

complementares, em um primeiro momento, faremos a apresentação dos críticos que, em nossa opinião, merecem destaque. Cabe dizer que o critério de relevância que nos levará a citá-los no corpo desse trabalho não está necessariamente ligado à adesão teórica que fizemos pelas concepções que eles propuseram como forma de entender o funcionamento desse gênero de discurso. Pretendemos apresentá-los somente com a finalidade de mostrar o modo como dialogamos com os conceitos que vêm sendo propostos ao longo do tempo. Uma vez apresentadas as propriedades que definem o funcionamento desse gênero discursivo, será proposto um caminho para a produção da *fábula* em contexto pedagógico.

II. Justificativa

A importância de trabalhar-se com *fábulas* em contexto pedagógico, em nosso caso, está ligada a pelo menos três motivos que pretendemos explicitar nesta seção.

O primeiro diz respeito a nossa experiência profissional junto à Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista, do Câmpus de Araraquara. Contratada para ministrar a disciplina *Prática de Ensino de Grego e Latim* aos alunos do curso de Letras da FCL/CAr que fizeram a opção por graduar-se em Português/Grego ou Português/Latim, tínhamos de orientar os graduandos para o estágio de regência que seria realizado, preferencialmente, na Rede Oficial de Ensino. Com efeito, a orientação para os estágios na disciplina *Prática de Ensino de Grego e Latim* não poderia ser feita com o objetivo de ensinar língua grega ou língua latina aos alunos do ensino fundamental e do ensino médio não somente porque Grego e Latim não constam da grade curricular desses níveis de ensino, mas também porque 75 horas-estágio, que constitui a carga horária atual a ser cumprida pelos graduandos do curso de Letras em atividade de estágio, não permitem ensinar “língua estrangeira” em tão curto espaço de tempo. Por este motivo, julgamos que seria melhor trabalhar com um tipo de manifestação lingüístico-literária que surgiu na Grécia Antiga e que foi retomada em diferentes culturas. Dada a impossibilidade de ensinar língua aos alunos do ensino fundamental e médio, era imprescindível, então, no momento em que decidimos trabalhar com textos literários nas atividades de regência, ter acesso a traduções de reconhecido valor. Tendo em vista o fato de termos, na Faculdade de Ciências e Letras, do Câmpus de Araraquara, pesquisadores que se dedicam tanto à compreensão do funcionamento dos textos denominados *fábula* (cf. Lima, 1984; Dezotti, 1988) como à tradução de textos que pertencem a esse gênero de discurso (cf. Dezotti (Org.), 1991; Dezotti (Org.), 2003), decidimos refletir sobre o objeto discursivo *fábula* nas horas dedicadas à *Prática de Ensino de Grego e Latim I*, momento dedicado à reflexão teórica sobre o ensino de “línguas estrangeiras”, para, em um segundo momento, na *Prática de Ensino de Grego e Latim II*, refletir a respeito das atividades pedagógicas que deveriam promover à compreensão da *fábula* pelos alunos do ensino fundamental e do ensino médio. Nesse sentido, enquanto na disciplina *Prática de Ensino de Grego e Latim I*, apropriamo-nos do discurso da crítica da *fábula*, de natureza metalingüística, na disciplina *Prática de Ensino de Grego e Latim II*, buscamos operar com os conceitos metalingüísticos que julgamos explicativos do funcionamento enunciativo desse tipo de texto, no momento em que nos dispusemos a preparar material pedagógico relativo a esse gênero de discurso.

A título de avaliação, diríamos que a possibilidade que o estudo da *fábula* nos ofereceu de refletir a respeito de uma manifestação lingüístico-literária que emergiu na

Grécia e que foi retomada em nossa cultura por Monteiro Lobato e Millôr Fernandes, entre outros nomes de expressão, tornou possível demonstrar aos graduandos em Letras Clássicas a importância dessa formação para o ensino do Português que, para nós, constitui língua materna, a despeito dessas línguas de cultura não serem oferecidas no ensino fundamental e médio.

O segundo motivo que legitimou o trabalho com *a fábula*, que se tornou objeto de nossa tese de doutorado, intitulada *A recepção do discurso alegórico da fábula*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Lingüística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras, da UNESP, Câmpus de Araraquara, em 2003, está ligado ao fato de sermos uma das professoras responsáveis pela *Prática de Ensino de Português* dessa instituição, desde 1998.

O fato de considerarmos *os gêneros de discurso* uma categoria operatória e o fato de termos adquirido um tipo de consciência metalingüística que nos leva a afirmar que as práticas pedagógicas formuladas com vistas à produção e à interpretação, de textos orais e de textos escritos, anulam as diferenças entre *os gêneros*, a despeito dos professores de português envidarem esforços para trabalhar com gêneros discursivos variados nas aulas de Língua Portuguesa, validou a opção que fizemos de dedicarmos-nos à compreensão do *gênero* em questão.

O acesso a material didático que circula na Rede Oficial de Ensino, aos livros didáticos por exemplo, tem revelado que as atividades de interpretação, em contexto pedagógico, seguem estereótipos, que, no limite, apagam as condições de enunciação em que textos denominados *fábula* foram produzidos. Deve ser dito que essa constatação se estende aos outros gêneros de discurso. Os equívocos, portanto, que levam leitores desavisados, ainda que graduados em Letras, a definir *a fábula* como história ou narrativas de bichos derivam justamente da não-consideração *das condições de produção* em que *as fábulas* foram ou são produzidas.

O terceiro e último motivo que justifica a pesquisa que realizamos a respeito do funcionamento do gênero fabular revelou-se no momento em que empreendemos uma análise de natureza comparativa entre *fábulas* produzidas por autores que pertenceram a diferentes culturas. Tal foi o caso quando, em sala de aula, especialmente com os alunos da *Prática de Ensino de Grego e Latim* apresentamos textos fabulares de Esopo, Fedro, La Fontaine, as fábulas que se encontram compiladas no *Hitopadexa*, as de Monteiro Lobato e de Millôr Fernandes que constituem referência para o estudo das fábulas gregas, latinas, francesas, sânscritas e as aquelas que pertencem a nossa cultura, respectivamente.

O fato de tomarmos como ponto de partida as fábulas modernas, contemporâneas, e de tentarmos localizar em textos de diferentes fabulistas o que temos chamado impropriamente pelo nome de “versão” tem nos permitido verificar que a categoria *gênero* deve ser validada não porque ela apresenta um conjunto de propriedades cristalizadas, que funcionam para aqueles que, em determinadas situações falam por meio de *fábulas*, como um conjunto de coerções enunciativas, mas, ao contrário, porque *a fábula*, a despeito de suas propriedades mais estáveis, permite aos enunciadores envolvidos em um ato de fala subverterem certas propriedades que, do ponto de vista do senso comum, promovem a construção de imagens que levam a considerar esse gênero de discurso o primo pobre da literatura. Poder contestar a função comumente atribuída *à fábula* que tem levado muitos a afirmar que sua função

constitui-se a partir do momento o enunciador, que se apresenta como produtor de texto, se coloca na condição de poder dar uma lição de moral no enunciador, que se apresenta como receptor do texto, tornou-se possível somente quando apropriamo-nos das reflexões realizadas por Lima (1984) e por Culioli (1976), (1984), (1990). Como muitos dos equívocos no processo de ensino e de aprendizagem ocorrem em virtude dos limites das “teorias” das quais os professores partem para compreender os fenômenos que constituirão objeto de ensino, julgamos que os estudos que realizamos sobre *a fábula* possam contribuir para ampliar as concepções das implicações do que significa “falar por meio de fábulas”.

III. Problematização

Com o objetivo de situar o leitor a respeito do processo de compreensão do funcionamento do *gênero fabular*, faremos referência, nessa seção, ao processo pelo qual passamos, quando entramos em contato com as propriedades discursivas da *fábula*, principalmente, a partir do trabalho de pesquisa desenvolvido por Dezotti (1988).

É importante ressaltar que as definições de fábula com a qual estabelecemos relações mais polêmicas foram aquelas propostas por Aristóteles, (1973 apud DEZOTTI, 1988, p. 8-11); por Teon (DEZOTTI, 1988, p. 11-2), retor que possivelmente viveu no século I ou II d.C.; e por Suleiman (1977).

Começaremos apresentando a concepção de Teon sobre a fábula, já que esse conceito foi o que mais nos pareceu problemático. Duas definições foram apresentadas por esse autor. Por meio da primeira, ele caracterizou a fábula como um discurso mentiroso que retrata uma verdade. Por meio da segunda, ele definiu a fábula, considerada naquela época como composta de duas partes, de uma narrativa e de uma moral, como um discurso seguido de outro discurso, o primeiro mentiroso e o segundo verdadeiro, tendo a narrativa, discurso mentiroso, a propriedade de ser a imagem da moralidade, que apresenta os atributos de um discurso verdadeiro.

A fim de que seja possível ao leitor compreender as instâncias da fábula caracterizadas como verdadeira e mentirosa respectivamente, citaremos a fábula de Esopo, intitulada *O asno que carregava sal* tal como foi traduzida por Dezotti (1991).

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer, afogou-se ali mesmo.

Assim, também, certos homens não notam que se arrastam para desgraças, devido às suas próprias resoluções (ESOPO apud DEZOTTI, 1991, p. 19)

Com efeito, o discurso que apresenta a propriedade de discurso mentiroso seria aquele que narra a história do asno, enquanto o discurso verdadeiro seria aquele introduzido pela expressão “Assim, também, [...]”.

Nøygard (1964 apud DEZOTTI, 1988, p. 11), tendo apresentado e comentado em sua obra a concepção de Teon a respeito das fábulas que se apresentam apenas na forma de narrativa, chega ao ponto de dizer que elas oferecem a possibilidade de a moralidade ser deduzida do discurso que apresenta as propriedades ligadas à mentira.

Com efeito, o que nos incomodava nessa definição de fábula era o fato de que se atribuía à narrativa e à moralidade propriedades distintas, já que a primeira foi considerada um discurso mentiroso e a segunda um discurso verdadeiro, para, em um segundo momento, anular essa distinção ou porque a moralidade pode ser deduzida da narrativa, no caso de fábulas que apresentam apenas essa instância de discurso, ou porque considerou-se o discurso mentiroso a imagem do discurso verdadeiro.

Tomemos, agora, a definição apresentada por Aristóteles (apud DEZOTTI, 1988). Ele a definiu como se fosse um texto constituído de duas partes: de uma narrativa inventada e de uma parte que permitiria à aplicação da narrativa à situação presente que estava em discussão.

Como Aristóteles a definiu na Retórica (1973 apud Dezotti, 1988, p.8), tendo em vista o fato de considerá-la um expediente persuasivo, ele recomendou o uso de fábulas sempre que o orador tivesse dificuldades para encontrar exemplos que se referissem a fatos do passado. Ele disse: “para imaginá-las, assim como as parábolas, basta reparar nas analogias”. (ARISTÓTELES, 1973 apud DEZOTTI, 1988, p. 11)

Haveria, então, analogia entre o discurso primeiro e o discurso segundo, que corresponderiam, para Teon, ao discurso narrativo e ao discurso moral? Ou haveria analogia entre um tipo de exemplo retórico como a fábula que se refere a fatos inventados pelo narrador e outro que se referiria a fatos efetivamente ocorridos no passado?

Ao mesmo tempo que fazíamos tais perguntas, entramos em contato, com a concepção de Suleiman (1977) sobre a fábula.

Grosso modo, diremos que Suleiman considerou os textos pertencentes a esse gênero como se fossem compostos de três tipos de enunciados: de enunciados narrativos, de enunciados interpretativos e de enunciados pragmáticos.

O primeiro foi considerado “uma metáfora da verdade”, uma forma indireta e desviada de demonstrar o valor de verdade de algo; o segundo teria a função de fixar o sentido da fábula, tendo em vista o fato de o enunciado narrativo poder ser lido em seu sentido literal; e o terceiro fixaria uma regra de ação.

Do nosso desconforto em relação ao modelo de Suleiman (apud DEZOTTI, 1988), pode-se dizer que ele se colocou, tendo em vista o fato de ela considerar a fábula como se fosse um tipo de discurso cujo sentido seria unívoco.

Sob a influência da *Análise de Discurso* de tradição francesa, parecia-nos que nenhum discurso poderia ter essa propriedade.

Simultaneamente a esses questionamentos, como forma de levar os graduandos em Letras Clássicas a participar, de forma mais ativa das aulas em que buscávamos entender o modo de funcionamento desse gênero discursivo, apresentamos-lhes cinquenta e oito fábulas de Esopo, que foram traduzidas por Dezotti (1991), sem o recurso à moral original proposta pelo fabulista. Como forma de ter acesso aos

enunciados morais propostos pelos graduandos em Letras Clássicas, remetemos o leitor ao anexo que se encontra no final desse artigo.

Constatamos, por meio desse exercício pedagógico, que o produtor-leitor sinalizou, no espaço do discurso moral, **através do léxico**, o fato de o homem constituir o referente do discurso que a instância narrativa acolhe. Observe-se que um dos discursos que circulam sobre a fábula é que ela constitui uma narrativa de bichos. A proposição dos enunciados morais pelos alunos nos permitiu contestar esse discurso hegemônico.

Em segundo lugar, foi possível observar que os licenciandos referem-se ao homem, do qual fala a narrativa, no espaço da moralidade, tipificando-o.

À construção de tipos Lima (1984, p. 66-7) já havia se referido ao analisar o modo de funcionamento da fábula.

O que não foi dito e só foi possível dizer a partir da experiência de leitura dos licenciandos em Letras Clássicas diz respeito ao fato de nem sempre haver similaridade entre as morais que eles propuseram para um conjunto de narrativas alegóricas. A partir do que foi dito por Lima (1984), de que a fábula é composta de *um discurso narrativo, de um discurso metalingüístico e de um discurso moral*, foi possível observar que uma das diferenças existentes entre as moralidades dos alunos, quando comparadas umas com as outras ou com a moral que compõe a fábula original, está relacionada ao tipo humano a que se faz referência na instância que corresponde à moralidade a partir da leitura de narrativas alegóricas. Ou seja, fábulas existem em que o seu personagem central é tipificado na moralidade, ao mesmo tempo, como *irresponsável; precipitado, desatento; oportunista, aproveitador; preguiçoso, comodista; fingido, falso; tolo; etc...*, sem que a narrativa apresente um único adjetivo do qual fosse possível deduzir comportamentos próprios a esses tipos.

Como a moral original, via de regra, fixa apenas um único tipo, partiu-se da hipótese de que o reconhecimento de diferentes tipos pelos leitores está mais relacionado ao modo como o discurso narrativo os constrói do que com uma competência que resultaria das possíveis fábulas lidas por esses alunos ao longo dos anos.

IV. Interpretação dos resultados

Como o trabalho que realizamos na disciplina Prática de Ensino de Grego e Latim levou-nos, na seqüência, a observar e a comprovar que, na grande maioria dos casos, o enunciado moral proposto pelos nossos graduandos é autorizado pela narrativa da fábula intitulada *O asno que carregava sal*, julgamos poder dizer que uma das alternativas para a produção de fábulas em contexto pedagógico implicaria em proporcionar um tipo de consciência lingüística aos seus leitores a respeito do fato de que muitas fábulas têm as propriedades de textos polissêmicos. Nesse sentido, os alunos deveriam ser levados, por meio de atividade de reescrita da moral a partir da leitura do discurso narrativo, a observar em que medida a narrativa “autoriza” o enunciado moral proposto. Reconhecidas as possibilidades de leitura do texto narrativo, os alunos poderiam construir novas relações entre o discurso narrativo e o discurso moral, a partir de contexto de enunciação das fábulas e do contexto imediato no qual ele se encontra envolvido.

Comprovado que a fábula tem como referente o homem, indeterminado na narrativa por meio da figura freqüente dos animais, já que os contextos que regulam o seu uso estão ligados à censura, o enunciador que se apresenta como produtor de texto pode servir-se da indeterminação de pessoa, tempo e espaço que caracteriza a narrativa e das diferentes leituras que muitas narrativas autorizam, para produzir novas fábulas. Basta, com isso, que se aproprie da narrativa fabular e que saiba articular a narrativa a uma nova intenção de significação que será construída na instância que se convencionou chamar moralidade, introduzida na fábula citada pela expressão “Assim, também, [...]”.

Referências

- CORDOVANI, Glória Maria. Uma fábula de Millôr. *Leitura*. São Paulo, v.17, n.1, p.22-7. 1999.
- CULIOLI, Antoine. Remarques finales in guise de conclusion. *Modèles linguistiques*, v.6, n.1, p. 239-48. 1984.
- CULIOLI, Antoine. The concept of notional domain. In: ----- . *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. v.1, p. 67-81.
- CULIOLI, Antoine. *Transcription du Séminaire de D.E.A. de Antoine Culioli. "Recherches in linguistique: théorie des opérations énonciatives"*. Paris; Poitiers: Département de Recherches Linguistiques, Université Paris VII, 1976.
- DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (Coord.) et al. *A tradição da fábula*. Araraquara: FCL-UNESP, 1991. 71p. (Textos, n.8).
- DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. *A fábula esópica anônima: uma contribuição do estudo dos "atos de fábula"*.1988. 226p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 1988.
- DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (Org.). *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. 214p.
- FERNANDES, Millôr. *Novas fábulas fabulosas*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.
- FERNANDES, Millôr. *Fábulas fabulosas*. 12.ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1991. 136p.
- LIMA, Alceu Dias. A forma da fábula: estudo de semântica discursiva. *Significação*, Araraquara, v.4, p. 60-9. 1984.
- LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 31.ed. Ilustrações de Manoel Victor Filho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- ONOFRE, Marília Blundi. *A indeterminação da linguagem: inconsciência e manipulação*. 1994. 173p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 1994.
- SOSSOLOTE, Cássia Regina Coutinho. *A recepção do discurso alegórico da fábula*. Araraquara, 2002. 428p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Araraquara, 2003.

SOUSA, Manuel Azeleza de. *As fábulas de Esopo: em texto bilingüe grego-português*. Rio de Janeiro: Thex Editora, 1999. 436p.

SULEIMAN, Susan. Le récit exemplaire: parabole, fable, roman à thèse. *Poétique*, Paris, n. 32, p. 468-89, 1977.

Anexo

FÁBULAS DE ESOPHO (EPIMÍTIOS)¹

1- O asno que carregava sal (ch 265)

ASSC: O homem não pode desafiar a vida com conclusões precipitadas.

ASSC: O homem não deve querer tirar proveito de situações intencionadas.

ASSC: Você colhe o que plantou.

LHP: O homem pode cair em desgraça quando põe em risco a própria vida, para aliviar os fardos que tem de carregar.

EN: Atitudes precipitadas e não averiguadas sempre acabam em desgraças.

LJL: Nem sempre o que é bom em uma situação é bom em outra.

LJL: Quem tenta, com fingimento, livrar-se de suas obrigações termina em pior situação.

LJL: Aquele que usa de falsidade em prol de si mesmo dá-se mal.

SJL: Não se deve desafiar a vida com conclusões precipitadas.

SJL: O homem nunca deve se antepor à vida.

FFC: O mito mostra que devemos estar sempre atentos, porque cada situação nos traz uma experiência nova.

GASS: Querer levar vantagem constantemente pode fazer o mais sábio dos cavaleiros cair do cavalo.

GASS: A preguiça é inimiga da vida.

LRB: O mito demonstra que não se deve buscar soluções iguais para situações diversas.

LCAMS: Para cada situação deve-se pensar em uma solução diferente, porque não existem verdades gerais, mas contextuais.

LCAMS: Para cada caso, um remédio.

EQ: A fábula mostra que aqueles que querem se livrar de seus trabalhos com facilidade acabam frustrados.

LZ: Nem sempre se pode contar com a sorte.

VLFS: A fábula mostra que para diferentes situações, diferentes soluções.

PMBM: A fábula mostra que aquele que tenta fazer o que não lhe é devido se prejudica.

RMO: A fábula mostra que o comodismo é o caminho mais curto para a infortúnio.

FRSS: A fábula mostra que a inteligência em benefício de coisas vis é punida.

FDT: A fábula mostra que o tolo, quando se deixa levar pela esperteza, se prejudica.

GL: A fábula mostra que aqueles que tentam tirar proveito de situações em benefício próprio, baseando-se em experiências que, por acaso, deram certo uma vez, podem muitas vezes não obter sucesso.

LFMMC: A fábula mostra que é necessário perspicácia, para realizar o mais simples dos trabalhos.

JKO: A fábula mostra que nem sempre podemos prever as conseqüências de nossas ações.

NMC: A fábula mostra que aquele que procura a solução mais fácil nem sempre a encontra.

Nota

(1) As siglas colocadas antes dos enunciados que foram apresentados como epítetos das fábulas referem-se aos nomes dos alunos: Adriana Sertori Sandrin Costa; Lúcia Helena Perez; Emerson Neves; Lara Jatkoske Lazo; Samanta Jatkoske Lazo; Flávia Ferreira de Camargo; Giane A. Sales da Silva; Luciane Rampazo Blanco; Luiz Carlos André M. Silva; Eliane Quinelato; Luciana Zaffalon; Vera Lúcia Fioranelli dos Santos; Prunella M. B. Moraes; Rodrigo Marques de Oliveira; Fabiano Rodrigo da Silva Santos; Francisco Diniz Teixeira; Giovanna Longo; Luís Fernando M. M. Cavalheiro; Jane Kelly de Oliveira; Natália M. Coledam.